

**COMISSÃO ESPECIAL DESTINADA AO EXAME E A AVALIAÇÃO DA CRISE ECONÔMICO-FINANCEIRA E, AO FINAL, FORMULAR PROPOSTAS AO PODER EXECUTIVO E AO PAÍS, ESPECIFICAMENTE NO QUE DIZ RESPEITO À REPERCUSSÃO NA INDÚSTRIA – CRISE IN**

**REQUERIMENTO N° , DE 2009.**

**(Do Sr. Moreira Mendes)**

*Requer audiência pública com o Sr. Melvyn Fox, Presidente da Associação Brasileira da Indústria de Material de Construção-ABRAMAT, Sr. Paulo Godoy, Presidente da Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base-ABDIB, Sr. Sérgio Antonio Reze, Presidente da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores, Sr. Paulo Safady Simão, Presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção- CBIC, Sr. Winston Petty, Presidente a Associação Brasileira de Desenvolvedores de Jogos Eletrônicos -ABRAGAMES, Sr. Edmundo Klotz, Presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Alimentação-ABIA, para prestarem esclarecimentos sobre os efeitos da crise financeira mundial na economia brasileira com grandes repercussões na indústria.*

Senhor Presidente,

Requeiro a Vossa Excelência, com base no artigo 255 do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, que ouvido o plenário da Comissão, sejam convidados o Sr. Melvyn Fox, Presidente da Associação Brasileira da Indústria de Material de Construção-ABRAMAT, Sr. Paulo Godoy, Presidente da Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base-ABDIB, Sr. Sérgio Antonio Reze, Presidente da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores, Sr. Paulo Safady Simão, Presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção- CBIC, Sr. Winston Petty, Presidente a Associação Brasileira de Desenvolvedores de Jogos Eletrônicos-ABRAGAMES, Sr. Edmundo Klotz, Presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Alimentação-ABIA, para, em reunião de audiência pública, discutirem os efeitos da crise financeira mundial na economia brasileira e suas repercussões na indústria.

## JUSTIFICATIVA

A escalada da crise financeira internacional vem atingindo a economia brasileira de forma preocupante. O Brasil, infelizmente e ao contrário das primeiras declarações de membros do governo e do próprio Presidente da República, não está imune aos seus efeitos.

Tanto o Banco Central do Brasil como o Ministério da Fazenda, ainda que de forma precária e pontual, vêm adotando certas medidas no sentido de conter o impacto da crise na economia brasileira. Muitas dessas ações estão sendo tratadas no âmbito deste Parlamento, como a discussão e a votação de Medidas Provisórias editadas pelo Executivo para tratar nova regulamentação do sistema financeiro brasileiro, e também de audiências públicas.

É sabido que o Grupo de Acompanhamento da Crise, que reúne empresários de diversos setores e membros do governo tem se reunido com o objetivo de analisar o cenário da crise internacional com foco nas medidas para ampliar as exportações e aumentar a competitividade das empresas para enfrentar o cenário de maior competição e protecionismo entre os países.

O setor industrial, que vinha ganhando fôlego, já começa a dar sinais de retração. Temos como exemplos desse impacto, o setor automobilístico, que já reduziu a produção e está dando férias coletivas a seus empregados.

No plano macro, todos esperam do Governo Federal ações concretas que minimizem o impacto da crise no país, restabelecendo a liquidez e a oferta de crédito, como bem sugere e recomenda a Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Dados levantados pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) a pedido do Grupo Estado, revelam que o parque industrial brasileiro já começa a sentir o baque da crise internacional e que alguns setores tiveram redução expressiva da utilização da capacidade instalada. Muitos deles estavam aproveitando ao máximo suas instalações e ocupando seu pessoal em três turnos de trabalho. Mas agora baixaram o ritmo de produção e há folga na linha de montagem. O tombo foi maior para quem fabrica móveis, têxteis, químicos e para a indústria mecânica.

De acordo com o gerente-executivo de Política Econômica da CNI, Flávio Castelo Branco, os reflexos da crise que mais atingiram a indústria foram a queda do crédito e a redução da demanda. A queda do crédito afetou principalmente as indústrias de exportação e a redução da demanda poderá ter efeitos nos índices de emprego.

Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a produção do setor automotivo, por exemplo, despencou quase 40% em dezembro na comparação com novembro, sendo determinante para que o resultado da indústria em geral naquele mês recuasse 12,4% --o pior resultado da série histórica, iniciada em 1991. Porém, caso a crise se agrave e aumente o número de demissões, os problemas podem se alastrar para outros setores. No dia 06 de março, o IBGE divulgou seus índices mensais de produção industrial física referentes a janeiro de 2009. O indicador dessazonalizado cresceu 2,3% em relação a dezembro, mas está longe de recuperar as perdas dos últimos três meses. Comparando-o a janeiro de 2008, o recuo chega a 17,2%

A Confederação Nacional da Indústria apresentou, no dia 09 de março, seus indicadores da atividade industrial. O faturamento da indústria recuou 4,3% em janeiro. Em novembro havia-se observado uma queda de 12,9% em relação a outubro. E em dezembro a redução foi de 5,5%. Caiu também o emprego na indústria de transformação, repetindo uma tendência que já vinha ocorrendo há dois meses. A massa salarial caiu 17,8% em janeiro, mas os ganhos ao longo do ano passado ainda fazem diferença. Em relação a janeiro de 2008 registra-se um crescimento de 2,1%.

Diante da gravidade e da celeridade com que os fatos se sucedem, é imprescindível a presença de empresários de vários setores nesta Casa para que possamos formular propostas no sentido de amenizar os efeitos da crise na economia brasileira.

Sala das Reuniões, em 10 de março de 2009.

Deputado Moreira Mendes  
PPS/RO